



# Anais de Artigos

## VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

### **Proposta investigativa acerca da mediação da guerra entre Rússia e Ucrânia em capas de jornais de Brasil e Suécia<sup>1</sup>**

### **Investigative proposal on the mediatization of war between Russia and Ukraine on newspapers front pages from Brazil and Sweden**

Camila Hartmann<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo aborda aspectos de uma pesquisa em curso que versa sobre a mediação do conflito russo-ucraniano em capas de dois jornais representativos da mídia de referência brasileira (Folha de S.Paulo) e sueca (Dagens Nyheter). Refletindo sobre os seus desdobramentos noticiosos na Suécia e no Brasil, desvelamos como a guerra é discursivizada desde realidades tão distintas e distantes. Nosso corpus é formado por capas impressas publicadas pela Folha de S.Paulo e pelo Dagens Nyheter durante o primeiro ano do conflito: 24 de fevereiro de 2022 até 24 de fevereiro de 2023. Embasados no aparato metodológico da semiótica discursiva, estudamos os elementos verbovisuais engendrados na materialidade discursiva das capas a par de seus contextos produtivos com vistas a desvelar os sentidos ali produzidos sobre a referida guerra.

**Palavras-chave:** Mediação; Guerra; Jornalismo.

**Abstract:** The article addresses aspects of ongoing research focusing on the mediatization of the Russia-Ukraine War on the front pages of two newspapers representing the Brazilian (Folha de S.Paulo) and Swedish (Dagens Nyheter) mainstream media. Reflecting on its news developments in Sweden and Brazil, we reveal how the war is reported from different and distant realities. Our corpus comprises

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. POSCOM-UFSM e ECA-USP.

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. camilahartmann@hotmail.com.br.



## Anais de Artigos

# VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

printed front pages published by Folha de S.Paulo and Dagens Nyheter during the first year of the war: February 24, 2022, until February 24, 2023. Based on the methodological apparatus of discursive semiotics, we studied the verbal-visual elements engendered in the discursive materiality of the front pages alongside their productive contexts to reveal the meanings produced there about the aforementioned war.

**Keywords:** Mediatization; War; Journalism.

Correlata às distintas modalidades da comunicação e suas repercussões sobre o social, a questão da ação das mídias irrompe como tema de reflexão desde os primeiros indícios dessa ação. A consolidação do fenômeno da midiatização e sua estruturação junto a singulares transformações societárias têm complexificado os estudos, ocasionado a emergência de aportes teóricos, objetos conceituais e dispositivos analíticos que pretendem dar conta dos novos modos de configuração das práticas comunicacionais. Na esteira da argumentação de Martino (2019), reconhecemos o potencial hermenêutico do conceito em relação a fenômenos contemporâneos.

Hepp, Hjarvard e Lundby (2015) aventam que a midiatização enquanto conceito emergente pode ser pensada como pertencente a uma mudança paradigmática na pesquisa em Mídia e Comunicação. Couldry (2010), a seu turno, enfatiza que está em curso uma transformação profunda que contesta a ontologia desde a qual se fundamentava o paradigma da comunicação de massa. Pode-se assumir que na vigente ordem comunicacional “passamos dos meios de massa para a massa de meios” (Alves, R., 2013, s/p).

Observa-se que a pesquisa em midiatização se pratica desde abordagens bastante diversificadas; os autores situados nas distintas vertentes talvez estejam buscando responder ao desafio sumarizado por Scolari, Fernández e Rodríguez-Amat (2021, p. 200, tradução nossa): “nem todas as midiatizações são iguais”. Nosso foco recai sobre as perspectivas diferenciadas em construção na América Latina e na Europa. Em linhas gerais, podemos distinguir as tradições teóricas em três grandes grupos: estudos



## Anais de Artigos

# VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

desenvolvidos no Brasil e na Argentina, herdeiros das premissas de Eliseo Verón, e as abordagens institucional e socioconstrutivista empreendidas na Europa (Hjarvard, 2008; Hepp, 2014; Braga, 2015; Kopecka-Piech; Bolin, 2023).

Isso posto, sucintamente, assumimos a mídiatização como um processo contínuo, de vasta complexidade e cujo desenvolvimento é potencializado à medida que a exteriorização dos elementos de produção social de sentidos, por meio de materialidades técnicas, se torna cada vez mais multifacetada. Concebemos que esse processo se dá de diversas formas e assume características distintas no tempo e espaço de cada sociedade. Seguindo Ferreira (2016), compreendemos a mídiatização como um ângulo epistemológico específico de investigação dos processos midiáticos.

Ao suscitar novos modos de ser em sociedade, a mídiatização também altera nossas formas de vivenciar situações de guerra (Ford; Hoskins, 2022; Rosa, 2022). Assim que “as questões tradicionais sobre a inter-relação da mídia e dos militares estão sendo reformuladas em termos de como a guerra é afetada pela mídiatização” (Horbyk, 2023, p. 111, tradução nossa).<sup>3</sup> Os conflitos, hodiernamente, são desenvolvidos e atravessados pela mídiatização: “o surgimento das mídias digitais tem intensificado e alterado as inter-relações entre mídia e conflito no ambiente de mídia global e convergente de hoje” (Eskjaer; Hjarvard; Mortensen, 2015, p. 3, tradução nossa).<sup>4</sup> Muitos dos materiais produzidos em torno das guerras contemporâneas não visam a mídia tradicional ou hegemônica, mas sim a circulação.

A reflexão sobre a circulação se insere no quadro de reconfiguração do tecido social no qual a relação entre produção e reconhecimento complexifica-se através de novos arranjos de ordem técnica e discursiva (Verón, 2004). O espaço entre produção e recepção, por muitos anos pensado como um mero hiato ou intervalo, se estabelece

---

<sup>3</sup> No original: “the traditional questions about the interrelation between the media and the military are being reframed in terms of how warfare is affected by mediatization” (Horbyk, 2023, p. 111).

<sup>4</sup> No original: “The emergence of digital media has both intensified and altered the interrelationships between media and conflict in today’s global and convergent media environment” (Eskjaer; Hjarvard; Mortensen, 2015, p. 3).



## Anais de Artigos

# VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

como uma instância operadora da comunicação, uma vez que os sentidos se produzem não num ou noutro polo, mas precisamente no contato entre os dois.

Intercâmbios e atravessamentos entre gramáticas de produção e de reconhecimento são características definidoras do ambiente midiático e é precisamente aí que a circulação se consagra enquanto desdobramento da mediação, uma porta de entrada para compreender o processo movendo a ênfase dos meios para o espaço da produção de sentidos em interação. Qualquer episódio comunicacional pode dar início a outro, infundavelmente, e os processos interacionais derivados dos movimentos enunciativos em ambas as gramáticas ocorrem em circuitos que ultrapassam o estritamente midiático.

Na perspectiva de Fausto Neto (2018), a circulação vem a ser tomada não como lugar de passagem, e sim de constituição de sentidos múltiplos, espaço gerador de potencialidades e de reconfiguração de processos interacionais. Rosa (2022, p. 107), a seu turno, atesta que se trata de “uma relação de atribuição de valor nas interações – portanto, perceptível entre produção e reconhecimento, com suas inúmeras defasagens e assimetrias”.

Tem-se que as interações midiáticas privilegiam uma lógica não linear. Braga (2017) advoga em favor de um fluxo comunicacional de circulação adiante, sempre contínuo. Esse fluxo oportunizaria a constante renovação das interpretações dos conteúdos midiáticos pelos seus receptores no espaço social. Estaríamos, portanto, frente a uma ambiência que estimula interações por toda a estrutura societária a partir de fluxos contínuos que atravessam vários ambientes. Logo, as redes de mídia social se converteram num estímulo à conversação de seus participantes.

Isso posto, tem-se que parte significativa de nossas interações sociais migram para espaços on-line, dando a ver aquilo que Van Dijck (2014) concebe como a transformação digital da sociabilidade. Trata-se de um processo sobremaneira impulsionado pela disseminação das plataformas digitais e que dá a ver uma cultura comunicacional baseada em dados. A dataficação manifesta-se, recordando Bolin (2022, p. 167, tradução nossa), na conversão do “movimento social no espaço digital em



## Anais de Artigos

# VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

formas digitais processáveis que se alimentam da atividade de usuários de mídia, consumidores e cidadãos”.<sup>5</sup> Nesse contexto, os quadros de sentido, dantes edificados pelas mídias como uma moldura causal e linear aos seus enunciados, crescentemente se constituem através de injunções de diversos enunciadores inscritos em plataformas on-line.

O jornalismo profissional passa por uma adaptação abrupta a tais plataformas. Num cenário de guerra, os desafios se exacerbam. Ao endereçarem uma nova ecologia da guerra, Ford e Hoskins (2022, p. 197, tradução nossa, grifo nosso) já atestaram que

o smartphone virou de cabeça para baixo o modelo de publicação da mídia *mainstream*. Limitados por restrições legais e processos editoriais que exigem que as histórias sejam corroboradas ou verificadas, os meios tradicionais lutam para acompanhar a enxurrada de notícias que chegam das redes sociais.<sup>6</sup>

Como ponderado em publicação recente, na qual empreendemos uma abordagem compreensiva da circulação midiaticada de uma capa jornalística que se converteu em capa editorializada, infere-se, nos termos de Braga (2015), que a lógica da mídia plataformizada pode ser entendida como a circulação; e a circulação se consagraria numa forma de apreender as lógicas tentativas da midiatização, ainda indefinidas. O poder da enunciação, desta maneira, não estaria mais restrito apenas à mídia canônica, mas também ao novo *locus* da circulação (Hartmann; Silveira, 2023).

Pontuamos, assim, a potencialidade da abordagem da circulação para os estudos em midiatização. Na empiria de nossa investigação, desafiamo-nos a pensar a circulação nas capas jornalísticas desde a produção de sentido ali gerada a par de um determinado contexto produtivo que, como já ressaltamos, está sempre imbricado na materialidade

---

<sup>5</sup> No original: “social movement in digital space into processable, digital forms that feed on the activity of media users, consumers, and citizens” (Bolin, 2022, p. 167).

<sup>6</sup> No original: “The smartphone has turned the MSM publication model on its head. Bound by legal constraints and editorial processes that demand stories are corroborated or fact-checked, traditional MSM struggles to keep up with the flood of news coming in from social media” (Ford; Hoskins, 2022, p. 197).



## Anais de Artigos

# VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

discursiva. Nessa perspectiva, convém destacar que a circulação é também produção, qual seja, a produção é, tanto quanto a recepção, sentido circulante na circulação – e, em nosso caso, nas capas.<sup>7</sup> É comum que os trabalhos em torno da circulação foquem sobre a vasta grandiosidade dos circuitos que vazam, os desdobramentos dos conteúdos informativos, por exemplo, nas mídias sociais digitais. Pela riqueza do que circula no âmbito do reconhecimento, a produção por vezes parece ficar de lado como parte integrante da circulação; o entorno contextual, o contexto produtivo, contudo, está sempre presente e também é circulação.

A produção que conhecemos, todavia, não é a mesma da era da mídia de massa, tampouco “a produção da circulação [...] é a produção de vinte ou dez anos atrás; é uma produção *em* circulação que afeta inclusive a mídia hegemônica” (Braga, informação verbal).<sup>8</sup> Dessa forma, como bem nos alerta Braga (informação verbal), usar a expressão circulação é também produção implica o risco de situar a produção como isso que nós já conhecemos, o que não é verdade haja vista que a produção da grande mídia estabelecida se modifica “porque é uma produção que também entrou num largo processo de circulação”. Ele ainda pondera, citando como exemplo a mídia televisiva, cuja digitalização seria já passado, que embora não tenhamos modificações tecnológicas, que se use a mesma tecnologia, mudam os sentidos sobre tal uso.

Braga (informação verbal) me provoca, então, para além de pensar que a circulação é também produção, me perguntar que produção é essa agora. “E não é simplesmente a produção do midiativismo [em referência a outro trabalho apresentado no referido grupo], é a produção da própria TV tradicional que entra em circulação com o midiativismo, com vários processos sociais outros que estão fora da mídia”. Entendemos que essa provocação merece ser explorada. Me interessa refletir

---

<sup>7</sup> Minha proposição acerca de “circulação é também produção” surgiu durante o debate no grupo de trabalho Classificações, diferença e conflitos sociais, integrante deste VI seminário.

<sup>8</sup> Informação verbal proferida por José Luiz Braga ao longo da discussão no recém referido grupo de trabalho. A gravação, do dia 2 de maio de 2024, encontra-se disponível em [drive.google.com/file/d/1-SnGZQQX7gwLrxqG9zk7VFo5Qt2ABSTk/view](https://drive.google.com/file/d/1-SnGZQQX7gwLrxqG9zk7VFo5Qt2ABSTk/view). Esclarecemos que as demais referências à “informação verbal” envolvendo José Luiz Braga dizem respeito a essa mesma circunstância.



## Anais de Artigos

# VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

especialmente sobre os processos jornalísticos: como a produção jornalística vem a ser alterada em seus conceitos mais primordiais, a exemplo da noticiabilidade. Como se reconfigura a noticiabilidade jornalística no ambiente midiatizado, a reboque de uma circulação em que emergem tantas narrativas que concorrem entre si e irrompem em circuitos cada vez mais diversos?

A noticiabilidade, cabe esclarecer, é situada analogamente à ordem do discurso, nos termos foucaultianos (Foucault, 1996), na medida em que também é própria de um período específico, possui uma função reguladora, normativa, e põe em funcionamento procedimentos de organização do real. Ela diz respeito às condições de trato dos acontecimentos, aquelas que presidem a elaboração de uma pauta, a definição de sua angulação e a eleição de fontes e dos fatos a cobrir (Schudson, 1988; Wolf, 2011; Traquina, 2013).

Finalmente, a noticiabilidade trata da compreensão de uma ordem noticiosa que reproduz a percepção de uma dada ordem social e dá a ver condições para a construção de situações de comunicação definitórias de elementos do jornalismo corporativo em atenção a seus compromissos sociais da cobertura noticiosa (Hartmann; Silveira, 2018). Assim, ela versa sobre o modo como o jornalismo organiza e opera os sentidos sociais, e esse processo é uma construção sempre relativa a um determinado contexto, daí a importância desse conceito ao se desenvolver estudos comparativos.

A construção da cobertura jornalística sobre a guerra em Folha de S.Paulo e Dagens Nyheter se orienta por critérios de noticiabilidade distintos, considerando a realidade, por um lado, de Brasil e, de outro, a Suécia. A distância geográfica de cada país em relação ao conflito é um fator primordial que demarca tal diferenciação. Convém recordar que o nosso aparato metodológico, da semiótica discursiva, oportuniza analisar a imbricação entre os processos sociais e discursivos (Greimas, 1979; 2014; Barros, 2005; Landowski, 2014).

Os atravessamentos entre gramáticas de produção e de reconhecimento se põem de manifesto nas narrativas circulantes sobre a guerra entre Rússia e Ucrânia. Trata-se de um conflito que se dá a par de lógicas próprias à midiatização, que interferem



## Anais de Artigos

# VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

fortemente sobre as lógicas de mídia estabelecidas (Braga, 2015). As lógicas de produção de conteúdos sobre conflitos tem mudado: se antes tínhamos uma produção voltada apenas para a grande mídia, hoje há uma profusão de materiais feitos especificamente para a circulação, inclusive pelos próprios protagonistas dos conflitos. Estão vigentes, portanto, como assertivamente apontado por Rosa (informação verbal), “lógicas que não são as da mídia, perpassam o sujeito, e são lógicas características da midiatização”<sup>9</sup>.

Entendemos que o fatídico 8 de janeiro de 2023 na capital do Brasil configura um conflito que se deu completamente travado pelas lógicas da midiatização; sua espetacularização foi produzida para a circulação, e não para a mídia hegemônica. Conforme analisado em capítulo publicado recentemente, a Praça dos Três Poderes em Brasília foi palco de um evento devastador que, frente aos olhos de todo o mundo, figurativizou-se como um verdadeiro campo de batalha: “imagens de guerra que se insurgiram vandalizando os símbolos pátrios do Brasil. Elas circularam com transmissão em tempo real numa cobertura produzida pelos smartphones dos próprios depredadores, seguidas de cobertura da mídia corporativa” (Silveira; Schneider; Hartmann, 2024, p. 105).

Resguardadas as devidas particularidades, por óbvio, situação semelhante pode ser observada no conflito entre Israel e Palestina. A circulação de imagens por seus próprios protagonistas consolidaria a noção de evento midiatizado discutida por colegas participantes do já mencionado grupo de trabalho deste VI seminário (Santos; Gutheil; Padilha, 2024). Prosseguindo com o diálogo entre os trabalhos apresentados no evento, Rosa e Fermino (2024) apontam que o grupo terrorista Hamas agencia a circulação ao elaborar vídeos de seus feitos, envolvendo as perseguições, capturas e até mesmo execuções. Esse conjunto de materiais produzidos pela ótica do grupo terrorista é uma evidência de sua mobilização das lógicas da midiatização; enquanto que, por exemplo, o

---

<sup>9</sup> Informação verbal proferida por Ana Paula da Rosa durante o debate no citado grupo de trabalho. A gravação, do dia 2 de maio de 2024, encontra-se disponível em [drive.google.com/file/d/1-SnGZQQX7gwLrxqG9zk7VFo5Qt2ABSTk/view](https://drive.google.com/file/d/1-SnGZQQX7gwLrxqG9zk7VFo5Qt2ABSTk/view). A outra referência à “informação verbal” envolvendo Ana Paula da Rosa diz respeito a essa mesma situação.



## Anais de Artigos

# VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

“ataque do 11 de setembro de 2001 foi produzido para as câmeras da televisão, agora não estamos com esse direcionamento para a mídia hegemônica” (Rosa, informação verbal).

Voltando à guerra no leste europeu, nela também se manifesta a participação de sujeitos na dinâmica atual dos conflitos, destacando-se a perspectiva dos soldados no *front*. Horbyk (2022) documenta o uso de telefones móveis por soldados ucranianos, notadamente no período nomeado guerra no Donbass, de 2014 a 2021, iniciada com a anexação da Criméia pela Rússia e que constituiria uma fase da guerra russo-ucraniana, mais ampla.<sup>10</sup> Ele assegura que a onipresença de celulares no campo de batalha concebe um emaranhado de práticas singulares de mídia participativa, “uma cultura participativa específica de linha de frente [...] que incentivou a inovação, a improvisação tecnológica e a criatividade na negociação de abusos verbais com o inimigo ou na realização de pegadinhas em vídeo” (Horbyk, 2022, p. 22, tradução nossa)<sup>11</sup>. Consolida-se uma linha de frente digitalmente porosa e um ambiente de produção caracterizado por conectividade incessante.

Ante o exposto, resta iniludível a centralidade da comunicação nos conflitos atuais, sejam disputas urbanas ou geopolíticas. Particularidades da guerra entre Rússia e Ucrânia travada no atual ambiente comunicacional midiatizado devem ser sopesadas. O conflito, já alertaram Bolin, Jordan e Ståhlberg (2016, p. 3, tradução nossa), “lembrou mais uma vez ao mundo que as guerras não são travadas apenas com armas e tanques, mas também com tecnologias de informação”<sup>12</sup>. Afinal, atestam posteriormente Bolin e Ståhlberg (2023), em tempos de crise, quando se exacerbam narrativas concorrentes

---

<sup>10</sup> Tal qual Horbyk (2022), há abordagens que assumem que a guerra entre Rússia e Ucrânia teria se iniciado anteriormente, em 2014, por exemplo. Ao dizer que nosso corpus é formado por capas impressas publicadas pela Folha de S.Paulo e pelo Dagens Nyheter durante o primeiro ano do conflito, para fins de análise, definimos o momento inicial a partir do confronto mais recente, deflagrado a partir da chamada operação militar espacial russa contra a Ucrânia em 24 de fevereiro de 2022.

<sup>11</sup> No original: “a specific front line participatory culture [...] that encouraged innovation, technological improvisation and creativity in trading verbal abuse with the foe or staging video pranks” (Horbyk, 2022, p. 22).

<sup>12</sup> No original: “has once again reminded the world that wars are not only fought with guns and tanks but also with information technologies” (Bolin; Jordan; Ståhlberg, 2016, p. 3).



## Anais de Artigos

### VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

sobre os fatos, a gestão da informação e dos sentidos decorrentes torna-se ainda mais arriscada e complexa.

Números relativos ao ano um da guerra apontam que esta já constitui a maior crise militar na Europa desde a segunda guerra mundial (Ladeira; Gutierrez, 2022). Trata-se de um dos maiores deslocamentos humanitários já testemunhados pelo mundo – 35% dos ucranianos deixaram suas casas (mais de 13 milhões de pessoas), incluindo quase 8 milhões de refugiados em toda a Europa e mais de 5 milhões de deslocados internos na Ucrânia; 60% de sua população vive agora no limiar da pobreza (Ladeira, 2023; Prange, 2023; Um ano após..., 2023). Quanto à Rússia, as estimativas do número exato de migrantes variam entre 500 mil e 1 milhão de pessoas (Cardoni, 2022).

De acordo com a Organização Mundial das Nações Unidas (ONU), pelo menos 18 mil pessoas foram mortas ou feridas durante 11 meses de guerra – os dados são de janeiro de 2023 (Pelo menos 18..., 2023). Existe uma grande discrepância nas informações sobre as mortes: o contingente varia de 7 mil, além de 11 mil feridos, segundo a ONU, que reconhece que a subnotificação torna os números reais possivelmente bem maiores que os divulgados, a 300 mil, segundo fontes militares e/ou independentes consultadas por mídias europeias (Peduzzi, 2023; Pelo menos 18..., 2023; Russia taken 180,000..., 2023). Um agravante no contexto ucraniano é a taxa de natalidade do país, que já era uma das mais baixas da Europa mesmo antes do início do conflito (Alves, J., 2022).

A relevância de pesquisar acerca da temática da guerra russo-ucraniana no Brasil passa por considerar nossa constituição enquanto país multiétnico e multicultural que abriga, além de refugiados, comunidades de imigrantes russos e ucranianos. A região sul se destaca: ademais de um número expressivo de imigrantes russos sitiados em Campina das Missões, no interior do estado do Rio Grande do Sul, há uma colônia ucraniana no Paraná – Prudentópolis, que inclusive é referida em algumas capas da Folha de S.Paulo que integram o corpus.

O Brasil abriga a quarta maior comunidade ucraniana da América Latina, a quarta maior do mundo (TV Brasil, 2022; Luz, 2018). Consoante a Representação



## Anais de Artigos

### VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

Central Ucrainiano-Brasileira, dos cerca de 600 mil ucranianos e seus descendentes que vivem no Brasil, 80% está em Prudentópolis; dados da prefeitura do município apontam que dos 52 mil habitantes, aproximadamente 39 mil são descendentes de ucranianos, ou seja, 75% (Budel, 2022).

Conforme a Embaixada da Federação Russa no Brasil, existem 35 mil russos vivendo no Brasil (Veiga, 2022). Campina das Missões é a cidade que abriga a maior comunidade russa no país – cerca de 25% da população (1.500 pessoas aproximadamente) tem parentesco com a Rússia. Convém comentar também que há muitas mulheres russas grávidas vindo ao Brasil para dar à luz; o chamado turismo de parto cresceu com a eminência da guerra (Braun, 2023) – tal temática também aparece nas capas do jornal brasileiro.

Todo esse entorno contextual tem suas implicações na construção da cobertura jornalística e no estabelecimento de um padrão de noticiabilidade para discursivizar sobre a guerra. Aliás, entendemos que a materialização discursiva do padrão de noticiabilidade adotado por um veículo jornalístico se posta de maneira singular em sua capa.

A capa jornalística pode ser tomada como estrutura alegórica, a bola da vez na gíria esportiva, a cara e o coração da publicação. Mesclando aspectos publicístico-promocionais e editorialísticos, a capa expõe o posicionamento editorial a partir do julgamento de práticas culturais, econômicas e sociais e envolve o significado maior que o conjunto de matérias enfeixa naquela edição (Hartmann; Silveira, 2018). A capa constitui-se no “espaço físico e simbólico em que se manifestam a avaliação e a valoração do potencial informativo dos acontecimentos” (Casagrande, 2019, p. 73). Na qualidade de primeiro componente de uma publicação, se configura como espaço institucionalizado para criar e compartilhar valores sobre os veículos que anuncia (Mouillaud, 2002; Cunha, 2019).

Um levantamento quantitativo das menções ao conflito nas capas dos jornais que compõem o corpus indica que a guerra russo-ucraniana recebe muito mais destaque nas capas do jornal sueco do que nas capas do jornal brasileiro: no período abrangido pela



# Anais de Artigos

## VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

análise, menos de 40% das capas da Folha de S.Paulo trouxeram algum aspecto relacionado à guerra; já as capas do Dagens Nyheter a mencionaram 70% das vezes. A análise qualitativa, ainda em andamento, indica o mesmo, ou seja: nossos conflitos são outros. As capas da Folha de S.Paulo evidenciam que os conflitos internos do Brasil, os problemas que enfrentamos com criminalidade, pobreza e fome, apenas para citar alguns, mereceriam mais espaço na cobertura jornalística do que a guerra entre a Rússia e a Ucrânia.

Esse entendimento fundamenta-se na compreensão dos critérios que orientam a produção jornalística de um jornal brasileiro e de um jornal sueco diante do conflito em voga. Os critérios de noticiabilidade, naturalmente, diferem entre si, implicando que outra percepção ou gramática de conflitos prevaleceria no Brasil – uma realidade que poderia ser definida como uma guerra híbrida ou guerra informacional, não necessariamente caracterizada por tanques e bombas, ou seja, pelo conflito armado, mas com procedimentos conflitivos alimentados profundamente pela polarização política e as decorrentes bolhas de desinformação que se propagam por meio de plataformas digitais.

### Referências

ALVES, J. E. D. Implosão da população da Ucrânia no século XXI. **EcoDebate**, 26 set. 2022, ed. 3.909. Disponível em: [ecodebate.com.br/2022/09/26/implosao-da-populacao-da-ucrania-no-seculo-xxi/](http://ecodebate.com.br/2022/09/26/implosao-da-populacao-da-ucrania-no-seculo-xxi/).

ALVES, R. C. “Passamos dos meios de massa para a massa de meios”. **Valor Econômico**, São Paulo, 31 jul. 2013. Disponível em: <http://goo.gl/Mtajae>.

BARROS, D. L. P. de. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo: Ática, 2005.

BOLIN, G. The Value Dynamics of Data Capitalism: Cultural Production and Consumption in a Datafied World. In: HEPP, A.; JARKE, J.; KRAMP, L. (Orgs.). **New Perspectives in Critical Data Studies: The Ambivalences of Data Power**. London: Palgrave, 2022. 167-186.

BOLIN, G.; JORDAN, P.; STÅHLBERG, P. From nation branding to information warfare. The management of information in the Ukraine-Russia conflict. In: PANTI, M. (Org.). **Media and the Ukraine crisis**. New York: Peter Lang, p. 3-18, 2016.



## Anais de Artigos

### VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

BOLIN, G.; STÅHLBERG, P. **Managing Meaning in Ukraine**: Information, Communication, and Narration Since the Euromaidan Revolution. Cambridge: MIT Press Open, 2023.

BRAGA, J. L. Circuitos de Comunicação. In: BRAGA, J. L. et al. (Orgs.). **Matrizes interacionais**: a comunicação constrói a sociedade. Campina Grande: EDUEPB, 2017. p. 43-64.

BRAGA, J. L. Lógicas da mídia, lógicas da midiatização? In: FAUSTO NETO, A.; ANSELMINO, N. R.; GINDIN, I. L. (Orgs.). **Relatos de investigaciones sobre mediatizaciones**. Rosario: UNR Editora, 2015. p. 15-32. Disponível em: [cim.unr.edu.ar/publicaciones/1/libros/86/relatos-de-investigaciones-sobre-mediatizaciones](http://cim.unr.edu.ar/publicaciones/1/libros/86/relatos-de-investigaciones-sobre-mediatizaciones).

BRAUN, J. Por que cada vez mais russas viajam ao Brasil para dar à luz 2023. **BBC Brasil**, Londres, 25 mar. 2023. Disponível em: [abre.ai/jdvP](https://www.abre.ai/jdvP).

BUDEL, C. Como imigrantes e descendentes consolidaram Prudentópolis como a Ucrânia brasileira. **G1**, São Paulo, 2 mar. 2023. Disponível em: [encyrtador.com.br/rKPZ9](https://www.encyrtador.com.br/rKPZ9).

CARDONI, P. A guerra da Ucrânia em números, um ano depois. **Veja**, São Paulo, 24 fev. 2023. Disponível em: [encyrtador.com.br/ryDR6](https://www.encyrtador.com.br/ryDR6).

CASAGRANDE, M. C. **Futebol, jogo e paixão**: A Copa do Mundo de 2014 em capas de jornais. 2019. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

COULDRY, N. A Mídia tem futuro?. **MATRIZES**, v. 4, n. 1, p. 51-64, 2010.

CUNHA, K. M. R. da. Sobre as capas: notícias e produtos à venda na primeira página. In: HRENECHEN, V. C. de A. T. (Org.). **Comunicação e Jornalismo**: Conceitos e Tendências 3. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019. p. 100-112. Disponível em: [twixar.me/DtQ1](https://www.twixar.me/DtQ1). Acesso em: 30 set. 2019.

ESKJAER, M.F.; HJARVARD, S.; MORTENSEN, M. (Orgs.). **The dynamics of mediatized conflicts**. New York: Peter Lang, 2015.

FAUSTO NETO, A. Circulação: trajetos conceituais. **Rizoma**, v. 6, n. 2, p. 8-40, 2018.

FERREIRA, J. A construção de casos sobre a midiatização e a circulação como objetos de pesquisa: das lógicas às analogias para investigar a explosão das defasagens. **Galáxia**, n. 33, p. 199-213, 2016.



## Anais de Artigos

### VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

FORD, M.; HOSKINS, A. **Radical War: Data, Attention and Control in the Twenty-First Century**. Oxford: Oxford University Press, 2022.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 1996.

GREIMAS, A. J. As aquisições e os projectos (prefácio). In: COURTÈS, J. **Introdução à semiótica narrativa e discursiva**. Coimbra: Almedina, 1979.

GREIMAS, A. J. **Sobre o sentido II: ensaios semióticos**. São Paulo: Nankin, Edusp, 2014.

HARTMANN, C.; SILVEIRA, A. C. M. A PROPÓSITO DE UM ESTILHAÇO DE BALA: jornalismo, configuração comunicativa e circulação midiaticada. In: 32º Encontro Anual da Compós. **Anais...** Campinas: Galoá, 2023. Disponível em [proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/a-proposito-de-um-estilhaco-de-bala-jornalismo-configuracao-comunicativa-e-circu?lang=pt-br](https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/a-proposito-de-um-estilhaco-de-bala-jornalismo-configuracao-comunicativa-e-circu?lang=pt-br).

HARTMANN, C.; SILVEIRA, A. C. M. Convertendo a exclusão social em notícia: a visibilidade da periferia em capas de revista. In: MENDONÇA, C. M. C. et al. (Orgs.). **Mobilidade, espacialidades e alteridades**. Salvador/Brasília: EdUFBA/Compós, 2018. p. 201-220. Disponível em: [repositorio.ufba.br/bitstream/ri/26089/1/MobilidadeEspacialidadesAlteridades-EDUFBA-2018.pdf](https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/26089/1/MobilidadeEspacialidadesAlteridades-EDUFBA-2018.pdf).

HEPP, A. As configurações comunicativas de mundos midiaticados: pesquisa da mediação na era da “mediação de tudo”. **MATRIZES**, v. 8, n. 1, p. 45-64, 2014. Disponível em: [revistas.usp.br/matrizes/article/view/82930](https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/82930).

HEPP, A.; HJARVARD, S.; LUNDBY, K. Mediatization: theorizing the interplay between media, culture, and society. **Media, Culture & Society**, v. 37, n. 2, p. 314-324, 2015.

HJARVARD, S. The Mediatization of Society. A Theory of the Media as Agents of Social and Cultural Change. **Nordicom Review**, v. 29, n. 2, p. 105-134, 2008. Disponível em: [acese.dev/vAdEA](https://acese.dev/vAdEA).

HJARVARD, S. The Mediatization of Society. A Theory of the Media as Agents of Social and Cultural Change. **Nordicom Review**, v. 29, n. 2, p. 105-134, 2008. Disponível em: [acese.dev/vAdEA](https://acese.dev/vAdEA).

HORBYK, R. “The war phone”: mobile communication on the frontline in Eastern Ukraine. **Digital War**, v. 3, p. 9-24, 2022. [doi.org/10.1057/s42984-022-00049-2](https://doi.org/10.1057/s42984-022-00049-2).



## Anais de Artigos

### VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

HORBYK, R. **Mediatisation of War and the Military**. Current State, Trends, and Challenges in the Field. In KOPECKA-PIECH, K.; BOLIN, G. (Eds.). *Contemporary Challenges in Mediatisation Research*. New York: Routledge, 2023. p. 111-128.

KOPECKA-PIECH, K.; BOLIN, G. (Eds.). **Contemporary Challenges in Mediatisation Research**. New York: Routledge, 2023.

LADEIRA, S. 1 ano de guerra na Ucrânia: entenda as diferentes fases da invasão russa. **G1**, São Paulo, 24 fev. 2023. Disponível em: [acesse.one/jZBGf](https://www.g1.com.br/brasil/1-ano-de-guerra-na-ucrania-entenda-as-diferentes-fases-da-invasao-russa-2023-02-24/).

LADEIRA, S.; GUTIERREZ, F. 2022. Guerra na Ucrânia completa um mês: veja o estado atual da invasão russa e cenários para o futuro. **G1**, São Paulo, 24 mar. 2022. Disponível em: [acesse.one/99GvK](https://www.g1.com.br/brasil/guerra-na-ucrania-completa-um-mes-veja-o-estado-atual-da-invasao-russa-e-cenarios-para-o-futuro-2022-03-24/).

LANDOWSKI, E. Sociossemiótica: uma teoria geral do sentido. **Galaxia**, São Paulo, n. 27, p. 10-20, jun. 2014.

LUZ, R. P. D. Memorial da Imigração Ucraniana em Curitiba. **Cronicas Macaenses**, 15 nov. 2018. Disponível em: [11nq.com/JKFMK](https://www.11nq.com/jkfmk).

MARTINO, L. M. S. Rumo a uma teoria da midiatização: exercício conceitual e metodológico de sistematização. **Intexto**, n. 45, p. 16-34, 2019.

MOUILLAUD, M. O nome do jornal. In: PORTO, S. D. (Org.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Universidade de Brasília, 2002. p. 85-98.

MOUILLAUD, M. O nome do jornal. In: PORTO, S. D. (Org.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Universidade de Brasília, 2002. p. 85-98.

PEDUZZI, P. Com milhares de mortos e refugiados, guerra na Ucrânia completa um ano. **Agência Brasil**, Brasília, 24 fev. 2023. Disponível em: [11nq.com/zNtnb](https://www.11nq.com/zNtnb).

PELO MENOS 18 mil pessoas morreram ou ficaram feridas em 11 meses de guerra na Ucrânia. **ONU News**, 24 jan. 2023. Disponível em: [news.un.org/pt/story/2023/01/1808627](https://news.un.org/pt/story/2023/01/1808627).

PRANGE, A. A guerra na Ucrânia em números. **Deutsche Welle**, Berlim, 24 fev. 2023. Disponível em: [encurtador.com.br/cwDM4](https://www.11nq.com/cwDM4).

ROSA, A. P. da. Conflitos midiatizados: das vidas perdidas à política das imagens em circulação. **Líbero**, n. 52, p. 92-109, 2022.

ROSA, A. P. da; FERMINO, I. O que há para ver? Agenciamentos de imagens nos conflitos midiatizados entre Ucrânia-Rússia e Israel-Palestina. In: VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. **Anais...** São Leopoldo:



## Anais de Artigos

### VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

Casa Leiria, 2024. Disponível em [mediaticom.org/anais/index.php/seminario-midiatizacao-resumos/article/view/1600/1467](https://mediaticom.org/anais/index.php/seminario-midiatizacao-resumos/article/view/1600/1467).

RUSSIA TAKEN 180,000 dead or wounded in Ukraine: Norwegian army. **France 24**, Oslo, 22 jan. 2023. Disponível em: [acesse.dev/Quph0](https://acesse.dev/Quph0).

SANTOS, B. C. dos; GUTHEIL, L. B.; PADILHA, G. L. O evento midiaticizado nas capas de revistas semanais sobre a guerra entre Hamas x Israel. In: VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. **Anais...** São Leopoldo: Casa Leiria, 2024. Disponível em [mediaticom.org/anais/index.php/seminario-midiatizacao-resumos/article/view/1602/1468](https://mediaticom.org/anais/index.php/seminario-midiatizacao-resumos/article/view/1602/1468).

SCHUDSON, M. Porque é que as notícias são como são? **Comunicação e Linguagens**, v. 8, p. 17-27, 1988.

SCOLARI, C. A.; FERNÁNDEZ, J. L.; RODRÍGUEZ-AMAT, J. R. (Orgs). **Mediatization(s) – Theoretical Conversations between Europe and Latin America**. Reino Unido: Intellect, 2021.

SILVEIRA, A. C. M.; SCHNEIDER, G.; HARTMANN, C. Brasília, 8 de janeiro de 2023: a festa acabou! A guerra (ainda) não. In: CAFFAGNI, L. et al. (Orgs.). **The Planalto Riots**. Making and Unmaking a Failed Coup in Brazil. Amsterdam: Institute of Network Cultures, 2024. p. 104-117. Disponível em: [networkcultures.org/blog/publication/the-planalto-riots-edited-by-lou-caffagni-isabel-lofgren-gizele-martins-and-paola-sartoretto/](https://networkcultures.org/blog/publication/the-planalto-riots-edited-by-lou-caffagni-isabel-lofgren-gizele-martins-and-paola-sartoretto/).

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, v. 2, 3 ed. 2013.

TV BRASIL. Brasil tem a quarta maior comunidade ucraniana do mundo. [YouTube: 28 fev. 2022], 2022. 1 vídeo. (2min 40seg). Publicado pelo canal TV Brasil. Disponível em: [youtube.com/watch?v=sK924-2hFLg](https://youtube.com/watch?v=sK924-2hFLg).

UM ANO APÓS invasão russa, insegurança dificulta intenções de retorno de ucranianos, diz ACNUR. **ACNUR**, 23 fev. 2023. Disponível em: [encurtador.com.br/tIQT5](https://encurtador.com.br/tIQT5).

VAN DIJCK, J. Datafication, Dataism and Dataveillance: Big Data Between Scientific Paradigm and Ideology. **Surveillance & Society**, v. 12, n. 2, p. 197-208, 2014.

VEIGA, E. Da comida à religião: as semelhanças entre Rússia e Brasil. **BBC**, São Paulo, 14 fev. 2022. Disponível em: [encurtador.com.br/GN269](https://encurtador.com.br/GN269).

VERÓN, E. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.



**Anais de Artigos**  
**VI Seminário Internacional de Pesquisas**  
**em Mídia e Processos Sociais**

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 2001.